

# Pesquisadores sugerem “estudo aprofundado” sobre origem dos grupos armados

[noticias.mmo.co.mz/2020/08/pesquisadores-sugerem-estudo-aprofundado-sobre-origem-dos-grupos-armados.html](https://noticias.mmo.co.mz/2020/08/pesquisadores-sugerem-estudo-aprofundado-sobre-origem-dos-grupos-armados.html)

Ago 4, 2020



**A Pesquisadora Liazzat Bonate afirma que deve haver “um estudo profundo” para perceber as origens dos grupos armados que já fizeram pelo menos mil mortos no norte do país.**

“Já há três anos que temos teorias abstractas, mas o que precisamos é de uma descrição espessa da situação, muito pormenorizada e detalhada do contexto de cada um dos indivíduos envolvidos”, disse a investigadora moçambicana da Universidade das Índias Ocidentais de Trinidad e Tobago.

Liazzat Bonate é professora de História de África, doutorada pela Universidade da Cidade do Cabo e autora de várias publicações sobre o islamismo em Moçambique. A investigadora falava semana passada numa conferência na Internet (webinar) sobre o contexto histórico que visa explicar a violência armada em Cabo Delgado.

“Não queremos somente os nomes deles, queremos saber o que fizeram, onde estudaram, com quem e por onde viajaram, como foi o percurso de vida deles”, acrescentou.

A pesquisadora diz que há jovens que ao fim do sétimo ano de escolaridade ganham bolsas para o ensino secundário e médio em países árabes. A partir desse ponto, os jovens podem ou não se radicalizar, uma vez que ficam expostos a dezenas de outros colegas de diferentes países e realidades.

Mas esse não é o único ponto que explica o extremismo e uso da violência: há também questões locais responsáveis pelo conflito, por parte de grupos “magoados e injustiçados” na sua própria terra.

Maria Paula Menezes, investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que participou no mesmo “webinar”, diz que há que perceber os apoios a partir da localidade onde vivem e esquecer que os moçambicanos são camponeses, empobrecidos, sem capacidade intelectual para perceber outros mundos. “Se nós virmos Moçambique a partir do Norte, as ligações são à Tanzânia, Zanzibar”, entre outros, “e quando fizemos trabalhos sobre resolução de conflitos na região soubemos que quem arbitra é um líder nas Comores”, disse.

Há outras dimensões de outras pertenças e que fazem sentido e há que pensar “fora de Maputo” quando se quer resolver o problema de Cabo Delgado.

Cabo Delgado é, desde Outubro de 2017, palco de acções de grupos armados que, de acordo com as Nações Unidas, forçaram a fuga de 250 mil pessoas de distritos afectados pela violência, mais a norte da província.

O conflito armado naquela província já matou pelo menos mil pessoas e algumas das acções dos grupos armados têm sido reivindicadas pelo grupo ‘jihadista’ Estado Islâmico (EI).